



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12754 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

A VIOLÊNCIA ESCOLAR COMO PRÁTICA SOCIAL: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO POPULAR

Suely Nobre de Sousa - UNIUBE - Universidade de Uberaba

Tiago Zanquêta de Souza - UNIUBE - Universidade de Uberaba

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A VIOLÊNCIA ESCOLAR COMO PRÁTICA SOCIAL: DIÁLOGOS COM A EDUCAÇÃO POPULAR

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em educação em andamento, que tem por objeto de investigação a violência escolar sob o prisma da Educação Popular, buscando compreender na relação escola-comunidade, como os saberes constituídos contribuem, ou não, na formação dos jovens para transitar como participantes ativos no ambiente escolar, especialmente do Ensino Médio do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cáceres, circundado nas violências presentes nesse contexto. A análise toma como base as práticas sociais de violência vividas por jovens alunos do referido cenário. Como parte da metodologia da pesquisa, apresenta-se neste trabalho parte do estudo do estado do conhecimento realizado.

Palavras-chave: Ensino Médio, Educação Popular, Violência Escolar.

Introdução

Este trabalho é parte integrante da tese de doutorado em Educação (em desenvolvimento), que conta com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

Parte-se do pressuposto de que a violência escolar é um fenômeno de difícil trato, pois, dependendo do ambiente, da condição emocional, socioeconômicas, entre outras, as relações sociais entre os pares podem ser alteradas para atitudes ríspidas, provocações e até agressões. A escola trabalha os saberes intelectual enquanto os alunos transitam nela trazendo seus saberes comunitários, histórias, dores e dúvidas que a escola ignora. Assim, as relações entre os estudantes ocorrem amistosa até certo ponto, mas prontas para o conflito.

As práticas sociais entre os alunos têm avançado das brigas, apelidos e xingamentos para práticas de preconceitos, *bullying*, crimes entre outros. A incivilidade evidenciada por Charlot em Abravovay (2002), reforça a ideia de a escola não atentar para negação dos saberes dos alunos como causa de um estranhamento no coletivo.

Na perspectiva de aprofundamento teórico sobre violência escolar, nesse excerto, por meio da apresentação parcial do estado do conhecimento realizado, enquanto parte do aparato metodológico da pesquisa, busca-se compreender na relação escola-comunidade, como os saberes constituídos contribuem, ou não, na/para a formação dos jovens para transitar como participantes ativos no ambiente escolar, circundado nas violências presentes nesses espaços, tomando, como aporte analítico, a Educação Popular.

Metodologia

O Estado do Conhecimento, segundo Kohls-Santos e Morosini (2021, p. 126), é “um tipo de metodologia bibliográfica”, que vem sendo utilizado, amplamente por acadêmicos de pós-graduação, para conhecer e analisar produções de decorrentes de pesquisa de uma determinada área do conhecimento, realizadas nos últimos anos. E, tem como entendimento que o “estado do conhecimento é identificação, registro, categorização que levam à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica” (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 155).

O recorte da pesquisa para o estado do conhecimento da violência escolar referente ao período de 2017 a 2022, se deu pelo acesso aos bancos de dados de artigos, dissertações e teses depositados nas plataformas: Base de Dados de Teses e Dissertações – BDTD; na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e na Brasil Scientific Electronic Library – *SciELO*, a partir dos descritores: *violência escolar, prática social, ensino médio, isolados e em cruzamento*.

Educação, saber comunitário e violência escolar

Após leitura dos títulos, palavras-chave, chegou-se ao quantitativo de 225 publicações recuperadas. A partir da leitura exaustiva dos resumos para refinar a seleção, chegou-se ao

total de 28 publicações selecionadas para o estudo. *A seleção e trato dessas produções acessadas nas bases de dados anunciadas, ocorreu fundamentada em Bardin (1977), Morosini e Fernandes (2014) e Kohls-Santos e Morosini (2021), seguindo as etapas e regras do processo de formação do corpus de análise para o Estado do Conhecimento.*

Na etapa final desse processo, foram realizados dois agrupamentos: o primeiro agrupamento foi organizado considerando as palavras-chave como categorias de discussão. Um segundo agrupamento das produções foi necessário como possibilidade de melhor fluência das análises, desta vez, por termos e categorias, tais como: violência escolar (tipos, formas e abrangências, excluindo o olhar dos sujeitos colaboradores); a violência escolar na visão dos estudantes e violência escolar na visão dos professores e da gestão escolar.

A análise (em andamento) dos trabalhos encontrados e selecionados, tomando o referencial da Educação Popular, permite entender que se trata de um fenômeno latente e de difícil conceituação, pois, “a percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado” (ABRAMOVAY, 2002, p.21). Essa violência ocorre com resquícios de preconceitos, falta de pertencimento, entre outros pretextos, que evidenciam que os saberes, valores e modo de vida local, são fatores preponderantes para o bom convívio na escola.

Com base em Charlot, Abramovay (2002) enuncia a violência escolar em três níveis: física; a incivildade e a simbólica ou institucional. E, aponta o ensino desvinculado da realidade que obriga os alunos a aprender conteúdos alheios aos interesses, como motivo da falta de sentido para o estudante permanecer na escola. “Por isso, em diversas partes no mundo e no Brasil, pesquisadores têm procurado refinar o conceito de violência considerando a população-alvo, os jovens e o lugar da escola como instituição” (ABRAMOVAY, 2002, p.22).

Na comunidade escolar, a luta é por melhoria na qualidade de vida. Todavia, a violência ocorre e reconfigura a partir de novos saberes, da linguagem, dos avanços tecnológicos e do conhecimento globalizado, como a prática *bullying*, *cyberbullying* e o uso de armas nas escolas.

Segundo Bourdieu (2002), a violência é reproduzida e não aprendida, pois para aprender é preciso abrir espaço para diálogos e questionamentos. E, isso não ocorre entre a escola e a comunidade. Por isso, acredita-se que o processo pedagógico coloca o sujeito em conflito com a sua realidade, a duvidar dos seus saberes e em estranhamento com os outros, uma vez que para Gadotti (2007) e Freire (1996), a educação escolar não se resume a transmissão de saberes intelectuais, de fato, influencia a vida do cidadão e suas as práticas sociais.

Os artigos, dissertações e teses selecionados e analisados, evidenciam a violência escolar como um fenômeno complexo, em constante reconstrução dada a sua multiplicidade de situações cotidianas das escolas e nelas o movimento cultural e emocional dos sujeitos, os estudantes, professores e gestão escolar, considerando as demandas que trazem para a escola e as que juntos desenvolvem nela. Foi observado no estudo que alguns aspectos do contexto de vida dos grupos de sujeitos das pesquisas, apresentam similaridades, tais como: condições socioeconômicas, filhos de trabalhadores, estudantes de escolas públicas (lôcus das pesquisas), jovens com posicionamentos claros e reflexivas, além de aspectos institucionais comuns a todos por meio dos projetos pedagógicos da educação básica. Mesmo nas pesquisas que se deram por meio de entrevistas com professores, o foco esteve na violência escolar e no estudante como sujeito dessa ação. As obras analisadas retratam uma juventude que vivencia as demandas do cotidiano, enquanto constroem sua cultura fora da escola e nela própria.

No universo de causas, formas e efeitos das violências que ocorrem nas escolas, o preconceito aparece com forças nas mais diversas manifestações, como: o racismo, o preconceito de

gênero, contra pessoas LGBTQIA+, com deficiências, contra o diferente; o *bullying* como estratégia de humilhação e importunação; o *cyberbullying* desenvolvido geralmente em anonimato através de perfis falsos para atacar os colegas.

Considerações

Outras temáticas apareceram como viés para a discussão sobre violência escolar, entre as quais: juventude no sentido de compreender os sujeitos que aí estão, cidadania, direitos humanos e pacificação, como perspectiva de buscar soluções para os problemas das violências nas escolas e nas comunidades pensando no estudante, em melhorar a sua motivação, o seu acesso e a sua permanência na escola.

Diante da multiplicidade de fatores que fomentam a violência escolar, considerando a sua gênese social e pouco individual, os entrelaçamentos das relações sociais na escola, permeada pela cultura dos sujeitos, o estudo, ancorado nos pressupostos da Educação Popular, demonstra a relevância desta pesquisa, que contribuirá para o aprofundamento dessa temática e suas variáveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, 2002.

BARDIN. Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. *A produção da crença*: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire e a educação popular**. Proposta, Rio de Janeiro, v.31, n.113, p.21-27, jul./set. 2007.

KOHL-SANTOS, Pricila, MOROSI, Maria Costa. O Revisitar da Metodologia do estado do Conhecimento para além de uma Revisão Bibliográfica. **Revista Panorâmica Online**, 33. 2021

MOROSINI, Marilia Costa; FERNANDES, Cleoni M. Barboza. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014.